

# SOBRE A MORTE

RUBEM BRAGA

1232  
Veio à minha casa outro dia o João Condé a fazer um "flash", e logo me perturbei com sua rápida metralha de perguntas. A muitas, confesso, nada respondi, pelo embaraço profundo em que me lançavam: autor predileto, romancista e poeta brasileiros mais queridos, e essa espantosa pergunta: qual o seu melhor amigo?

Amigos tenho muitos, mas tive vontade de dizer que o melhor deles ainda era este mesmo velho Braga. Não seria justo. "Quem gosta de mim sou eu", diz uma cantiga. Não impede isso que o velho Braga tenha me feito as piores ursadas e me deixado, mais de uma vez, com seu leviano temperamento e seu apurado espírito de porco, em tristes situações.

Uma pessoa minha inimiga íntima, que estava presente, deu a Condé as informações sobre minha lamentável personalidade que eu preferiria esconder. O público não lucrará muito, certamente, nem ficará vivamente emocionado, sabendo que fui gago em criança; nem que, embora escreva com certa desenvoltura sobre amores e damas, sou, na vida prática, um pavoroso tímido — o que, de resto não fica mal a um senhor feio, ou "piuttosto brutto", como diziam, com certa gentileza, as "signorine" de Florença.

A última pergunta de João Condé é sempre sobre a morte. Conforme lhe respondi, espero ainda viver bastante — embora, olhando o meu horizonte, não consiga descobrir nada além de cinzentas melancolias. E gostaria de ser cremado, como o senhor Ghandi.

A morte é uma idéia muitas vezes consoladora, mas que pôde ser irritante. Leio nos jornais

grande reclamação contra as agências de enterros. Há um tabelamento oficial, mas por fora o interessado paga uma infinidade de taxas, emolumentos e comissões. Além das agências, o monopólio funerário também escorcha o cliente. Este, na aflição e tristeza do momento, não vai discutir essa coisa de dinheiro — o defunto igualmente não dá um pio.

Confesso que, se a morte não me causa susto, as agências funerárias me desgostam um pouco. Existe uma no bairro, no caminho entre minha casa e o buteco da praia que muito frequentei. Foi num tempo em que desgostos íntimos quase toda noite me levavam a beber para esquecer, ou ruminar lembranças amargas. (Hoje asrmino mesmo a sêco). Lembro, porém, que, regressando à casa alta madrugada, e às vezes, porque não confessar, um tanto trôpego de pernas e idéias, só via uma casa de portas abertas, um anúncio acêso na rua silenciosa: a agência funerária.

Lá dentro dois sujeitos jogavam damas — e quando eu passava o que estava voltado para a rua erguia os olhos um pouco para me vêr. Era um sujeito pouco simpático, em mangas de camisa, sempre a fumar um tóco de charuto. A maneira com que me olhava toda madrugada começou a me irritar. Ele parecia dizer: "hum, ali vai outra vez aquele sujeito. Continua a beber... Não deve durar muito..."

E que poderia ganhar algumas centenas de cruzeiros de comissão à minha custa...

Imaginei-me, uma vez, personagem de uma novela russa. Certa madrugada, perdidamente bêbado e desesperado com o olhar cúbiçoso e irônico do jogador de damas, eu entraria em seu buteco funebre e berraria: "você vai primeiro! você não me enterra!" — e lhe meteria um punhal na barriga.

Não digo que me tenha curado do mal que então me consumia a pobre alma; porém êle está recolhido, e acabei me convencendo, como o homem do samba, de que bebida, não é um medicamento. Mas ainda hoje tenho certa aversão pela saleta iluminada, com seu anúncio e telefone em gaz neon.

Dizem que quando se lida para aquele número o homem do tóco de charuto acende com uma voz cavernosa que tenta ser gentil para agradar a freguesia: "Funerais, boa noite..."

Vai vêr que, no fundo, é uma alma delicada e sensível; mas, pela cara, não parece. Eu preferiria morrer depois dele; e, por outros motivos, antes de Alcêo Marinho Rego.

H. R

M-119/31.X.54

6.3.49

93